

Testemunha diária do sofrimento

O pneumologista Celso Antônio Rodrigues da Silva, 56 anos, já perdeu a conta de quantas vida salvou. Formado pela Universidade de Pelotas (RS), o médico fez residência no Hospital de Base de Brasília, onde conheceu a mulher, Elisabeth, oftalmologista. Completando 25 anos de trabalho, Celso praticamente abandonou a clientela do consultório particular. Atende na clínica somente duas vezes por semana, à noite. O restante do dia é dedicado aos pacientes da Pneumologia do HBB e às campanhas de combate ao fumo. A sala da Comissão de Controle do Tabagismo, no anexo do Hospital, é repleta de cartazes nas paredes, alertando sobre os riscos do fumo.

Celso tem uma jornada de 40 horas de trabalho na Unidade. Por opção própria, ele atende uma clientela carente e sofrida. No Pronto-Socorro, o pneumologista chefiou a equipe durante três anos. Era responsável pelo atendimento a pessoas simples, que embora recorram tarde-mente aos serviços do hospital, confiam no médico. Ele se recorda da atividade estressante, principalmente antes da Campanha Paz no Trânsito. Jovens que chegavam quase desfalecidos à Unidade e que, com o esforço dos plantonistas, conseguiam se recuperar. "Admiro quem atua no Pronto-Socorro. Profissionais

que enfrentam situações negati-vas. Eu mesmo cansei de levar para casa problemas insolúveis", lembra.

Celso praticamente se acostumou com a rotina do hospital. Avalia que a casa de saúde é uma escola. Comemora o entusiasmo dos médicos residentes, 200 em treinamento. Acha que a profissão tem grandes recompensas. "É quando finalmente percebemos que estamos sendo úteis", prossegue. Guarda lembranças de presentes que recebeu de pacientes. Maços de hortelã, ovos, galinha caipira, cachaça artesanal e vinhos. "Para mim, isso vale uma fortuna", diz.

A enfermeira Flávia Souza, 27 anos, do setor de urologia, tam-bém é exemplo de dedicação. Há nove anos no HBB, a profissional aprendeu a conhecer a dor dos pacientes. Fica deprimida quando não consegue ajudar na recupera-ção e, gratificada quando eles re-

tornam bem para casa. Nos 13 anos dedicados à enfermagem, ela acredita que a melhor recompensa é a relação de confiança entre os enfermos. "Parecem crian-ças. Acreditam no nosso trabalho. Dia após dia, aprendo com eles resignação em sofrer e, ao mesmo tempo, ficar bem", observa.

Flávia passa 40 horas semanais no HBB. Tem um salário de R\$ 2,1 mil. Já atuou na pediatria, pronto-socorro e UTI. Espírita, acha que a fé dos pacientes ajuda a prolongar a expectativa de vida. Admira, em especial, os paraplé-gicos, pelo otimismo e força de vontade. Procura não levar os problemas para casa, mas admite que a unidade é como uma ex-tensão de casa. Gosta do que faz.(AB)

LEIA AMANHÃ

A solidariedade incansável das voluntárias